

**A Etapa-Ação: práticas na preparação e formação do professor de Geografia**

Autor: Eli Fernando Tavano Toledo¹. eli.toledo@ifsuldeminas.edu.br

Eixo temático: 7. Formação e Valorização dos Profissionais da Educação**Resumo**

O presente estudo reflete a preocupação da formação do professor de Geografia para o Ensino Básico, sabendo que essa preparação possui sérias complexidades no decorrer da grade curricular. Por isso, a provocação aqui levantada é indicar possíveis práticas para compreender a relevância da boa formação, que as vezes é diluída dentro do curso de Geografia por uma enorme bagagem teórica, prazos e disciplinas a cumprir, pressões socioeconômicas e múltiplas atrações paralelas a formação do futuro professor de Geografia. Deste modo o artigo indica e esquadrinha as “Etapas-Ações” as quais podem ser de enorme valia para uma robusta formação do futuro licenciado, essas Etapas-Ações são apresentadas em três níveis: permanente, de conteúdo e pontual. A pesquisa não se encerra nesse documento, pois o desenvolvimento da profissão de professor se inicia no curso superior e é permanente, portanto, a preocupação deve ser constante e a cada momento pode-se associar valores importantes para o aperfeiçoamento da carreira docente. O trabalho se vale de um relato de ação que é desenvolvida em sala de aula no curso de Licenciatura em Geografia, discussões ocorridas no curso de Metodologia do Ensino de Geografia, na experiência em sala de aula do autor, leitura de bibliografia específica, além de vídeos e documentos disponíveis no ambiente virtual.

Palavras-chave: Formação – Prática de Atuação – Etapa-Ação - Ensino Básico – Geografia

Introdução

Por mais que existam matérias específicas de formação no preparo dos professores sempre a realidade será imponderável e contingencial. Manual algum poderá expressar o ambiente e o cotidiano de uma sala e sua dinâmica durante o cotidiano, a semana, o ano letivo e na carreira. Especificamente no curso de Metodologia do Ensino em Geografia, o plano de ensino é uma verdadeira selva de conteúdos e no pouco tempo disponível é impossível demonstrar todas as ações possíveis que o licenciado irá enfrentar no futuro. Cabe ressaltar o auxílio de outras matérias pedagógicas básicas e específicas que amparam esse preparo do docente, entretanto, por muitas vezes, o foco na sala de aula fica diluído e difuso.

Por isso surgiu à ideia de minimamente criar um roteiro, sistema, modelo (sem menosprezar o devido rigor dessas palavras) para os graduandos terem um panorama geral das condutas, etapas e ações que devem empreender para

¹ Professor Doutor EBTT do IFSULDEMINAS – Campus Poços de Caldas, Doutor em Geografia Econômica pela Unesp de Rio Claro, áreas de atuação na instituição: Geografia Econômica, História da Pensamento Geográfico, Metodologia em Ensino de Geografia e Geografia Política. Ministra aulas no Ensino Básico desde 1999. Avenida Dirce Pereira Rosa, 300, Jardim Esperança - Poços de Caldas - MG - CEP 37713-100 - Tel.: (35) 3713-5120



aproveitar as matérias oferecidas ao longo do curso de graduação em Geografia, paralelamente o graduando de Geografia pode vislumbrar, antecipar e incorporar cenários do cotidiano espacial da sala de aula, lembrando que a realidade tem um alto grau de imponderabilidade, diversidade e surpresa. O grande desafio de “ensinar a ensinar” (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2007)

Desenvolvimento

A proposta indicando essas três etapas de ações na formação docente é valorizar e dar maior rigor aos conhecimentos, práticas e ensinamentos passados e efetivados na graduação e, também, a proposta pode aperfeiçoar a carreira do professor permanentemente. Esse assunto é extensivamente e intensivamente tratado por mais diversos autores e manuais, mas em nosso entendimento essa quantidade de informação está diluída e pulverizada, assim procuramos sistematizar de alguma forma com a intenção de levar, especialmente ao estudante de Geografia um ordenamento para o aprimoramento e construção de sua profissão. A ideia de direcionamento prospectivo já está inserida nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), lei 9.394/96, entretanto a concepção, em nosso entendimento, é abrangente e difusa, segundo as DCN existem três princípios norteadores: *a competência como concepção nuclear na orientação do curso; a coerência entre formação e exercício profissional e a pesquisa como elemento essencial na formação docente.* (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, p. 94, 2007)

Mesmo contando com o ingrediente do imponderável, a passagem por essas etapas e ações pode trazer um grau de previsibilidade na sala de aula de grande serventia, Morin (2015) indica: “É preciso aprender a navegar em um oceano de incertezas, através de arquipélagos de certezas”. A previsão de possíveis fatos no cotidiano escolar pode desencadear a criatividade, novos conteúdos e a utilização do imprevisto responsável.

É importante destacar que se trata de uma visão construída pela própria experiência do autor em sala de aula, na leitura acumulada e nas discussões com estudantes e profissionais, portanto a crítica e a associação de novas ideias a essa proposta é vital, pois a formação docente é múltipla e dinâmica, a presente pesquisa se ampara nas palavras de Zagury que indica que existem métodos e técnicas mais modernas que outras, e elas podem sempre mudar, mas “ não é o método que faz um bom professor; é o professor que faz qualquer método tornar-se efetivo. O que não anula nem desmente a necessidade (apenas reforça) de jogarmos todas as nossas ‘ cartas ‘ na recuperação da qualidade docente “. (ZAGURY, P. 203, 2006)

Acreditamos que cada Etapa-ação não fica enclausurada na graduação dos alunos, mas as etapas-ações podem ser constantemente atualizadas e sofisticadas, pois cada profissional possui seus pontos fortes e as áreas que necessitam de maior cuidado. Deste modo a sistematização de etapa-ação sempre irá carecer de novos pontos de vista, inclusão de novas perspectivas e, o mais importante, personalização do sistema, pois acreditamos que o momento aluno professor é impar, complexo e único (SIMÃO, 2011).

Quando optamos pelo termo Etapa-Ação se pensou nos momentos de aprendizado na graduação como forma de acúmulo de conhecimento, aqui não valorizando, ainda, nenhuma linha teórico-pedagógica para o ensino superior, assim a maior preocupação da proposta é oferecer estratégias para o graduando enfrentar



o mercado de trabalho, o primeiro contato com os estudantes e os espaços de ensino os quais irão recebê-los. Ressalta-se que cada estudante possui uma tendência teórica, a Etapa-Ação almeja apenas auxiliar o desenvolvimento dos alunos, com a intenção de criar um ambiente eficaz e democrático de ensino aprendizagem (SAVIANI, 1989).

As Etapas-Ações são apresentadas como uma pirâmide (figura1), cremos que uma é pré-requisito da outra, entretanto, ao mesmo tempo elas se retroalimentam, assim se tonificando com o passar do tempo e dos anos. O abastecimento e o progresso de cada Etapa-Ação são ininterruptos ao longo da carreira do docente, por isso o senso de percepção e auto avaliação do trabalho é permanente.

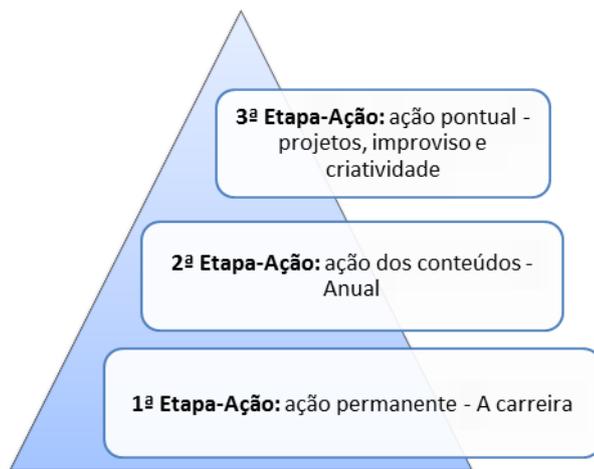


Figura 1. Pirâmide "Etapa-Ação", organizada pelo autor.

1ª Etapa-Ação: ação permanente – a carreira

Correspondendo com a forma piramidal da figura 1 pode-se verificar que essa etapa-ação é a base da formação. A formação do docente de Geografia necessita do entendimento do que é a ciência geográfica perpassando a discussão do que é ciência, da história da Geografia e, especialmente da epistemologia da ciência geográfica. Esse momento é de fundamental importância, já que não podemos invadir as ciências vizinhas e adentrar ao logro de deixar superficial outra área de conhecimento. Essa ponderação destaca-se quando os licenciados são envolvidos em projetos (etapa-ação 3) interdisciplinares ou transdisciplinares, no afã das aulas pode-se incorrer em terrenos movediços e nebulosos, aos quais o professor de Geografia ultrapassa seu limite formativo e opinativo.

Nessa primeira etapa-ação, se deve lembrar que o círculo de trabalho é o setor da educação (sala de aula e burocracia). Portanto, o entendimento das tendências teórico-pedagógica-metodológicas combinadas com o aparato teórico da Geografia deixa o ambiente de atuação mais claro, evidente e seguro, Tania Zagury nos lembra: “[...] para decidir se gosta ou não, se concorda ou discorda, a condição básica é conhecê-los e a seus fundamentos teóricos bem como a sua forma de operacionalização” (ZAGURY, p. 171, 2006).

Não posso deixar de incorrer, nesta etapa-ação, a cultura geral do profissional de licenciatura em Geografia, seja de qualquer corrente teórico-filosófica, o futuro professor de Geografia deve ter uma leitura de mundo rigorosa e constante (SIMÃO,



2011). A literatura é responsável em correlacionar conteúdos as aulas de Geografia, “É necessário desenvolver a disposição natural da mente humana para situar todas as suas informações em um contexto e em um conjunto” (MORIN, p.100, 2015). O ocaso da leitura diária do jornal empobreceu o dia-a-dia da sala de aula, lembrando que leitura de mundo pode se dar pela imersão no mundo do cinema, das artes plásticas e da música.

2ª Etapa-Ação: ação dos conteúdos - Anual

O professor de Geografia trabalhará nos mais diversos círculos escolares, assim sendo as escolas indicarão os livros didáticos, materiais e apostilas das mais diversas editoras e autores, por isso o estudante e professor devem estar a par, primeiramente, dos conteúdos básicos nacionais de Geografia para cotejar com os materiais disponíveis. Essa conexão entre PCNs e material didático aprimora o professor na execução da aula diariamente e vislumbra a fraqueza e aspectos positivos do material didático. Uma ação relevante é o estudo antecipado do material didático a ser utilizado no semestre ou ano, esse estudo-pesquisa é efetivado na leitura do texto e resolução dos exercícios, esse trabalho oferece conforto no cotidiano do profissional, antecipa problemas e traz um melhor encadeamento do trabalho. O profissional não pode ser um escravo do material, o material deve ser um dos instrumentos de trabalho do licenciado em Geografia.

A burocracia pode ser desmotivadora, mas se o profissional a controla o trabalho é impulsionado e estabilizado. Dentro da legalidade do círculo escolar o profissional deve fazer o mínimo de burocracia que se pede, para o cotidiano o diário virtual ou físico é um aliado, pois testifica o relacionamento do professor com a matéria e da matéria com o aluno, deixar essa tarefa simples e automática promove o bem-estar burocrático com a direção e com os alunos. Principalmente no ensino básico o nosso relacionamento com os alunos, também se dá no ambiente extraclasse e virtual, uma burocracia com os alunos eficaz (anotação de presença, notas de avaliação no prazo e envio de atividades prometidas) qualifica o relacionamento e confiança com o professor. Fazer o mínimo de burocracia, legalmente requisitado, no tempo correto oferece mais tempo para o prazer de trabalhar em sala de aula.

3ª Etapa-Ação: ação pontual – projetos, improviso e criatividade.

O corpo da pirâmide “etapa-ação” torna-se vigoroso e desenvolvido, após as duas etapas anteriores serem forjadas e compreendidas, nesse momento chega-se ao topo da figura com a ação e preparo de projetos, possibilidade de improviso e frutificação da criatividade.

A partir da compreensão total da formação e permanente auto avaliação o estudante de licenciatura e o profissional do ensino básico libera tempo e espaço em sua mente e realidade para iniciar o processo de real personalização e apropriação do trabalho em sala de aula. O cotidiano escolar bem executado com domínio da ciência geográfica, combinação com o arcabouço teórico-pedagógico, alimentação



com a cultura geral e respeito à ação burocrática promove a originalidade e a singularidade do professor de Geografia.

A proposição de um projeto dentro da escola poder oferecer uma maior qualidade no aprofundamento da aprendizagem do aluno e de modo significativo, aprimorar a especialização do docente na área geográfica que mais o atrai. Muitos projetos podem ser reconhecidos em várias escalas sociais de atuação docente, além de serem ótimos catalisadores para a pós-graduação do licenciado.

Sabemos as dificuldades de infraestrutura e apoio técnico-pedagógico aos quais o professor enfrenta, esses embaraços podem ser permanentes ou fortuitos, mas na linha de frente sempre estará o professor mediando os contratempos com os alunos, sendo assim o primeiro julgamento será incluído a imagem do professor, para minimizar o entrevero utiliza-se o improviso. A improvisação não vale apenas para mitigar problemas, mas é relevante para *insight*, mudanças do conteúdo em uma aula, captação de oportunidades e percepção de ensino mais eficazes. Muitos profissionais possuem o dom do improviso, mas mesmo os agraciados por essa dádiva necessitam de uma sólida formação para não implicar-se no improviso vazio.

A criatividade pode ser estimulada de múltiplas maneiras, mas com uma sólida formação, contínua pesquisa e leitura de mundo o cotidiano escolar se apresenta rico para a emergência de algo original e distinto. O professor criativo pode programar as novas ideias pontualmente e, também, apresentar novas concepções as Etapas-Ações anteriores alterando e requintando a dinâmica de sua formação.

Conclusão

A visão de formação “Etapa-Ação”, aqui apresentada, não se destina engessar ou criar algum paradigma para o aluno de licenciatura, nossa ideia é oferecer algum subsídio de orientação e organização para indicar os conteúdos e ações que se retroalimentarão na carreira e no futuro profissional. Acreditamos que o apoio ao desenvolvimento do cotidiano escolar, tornando-o mais eficaz, personalizado e original oferecerá maior domínio e autonomia ao professor .

Referências

- CARLOS, F.(Org.). **A Geografia na Sala de aula**. São Paulo: Editora Contexto, 1999.
- CARLOS, F.(Org.). **Novos caminhos da Geografia**. São Paulo: Editora Contexto, 1999.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.
- MIRANDA, S. **Como se tornar um educador de sucesso**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2011.
- MORIN, E. **A cabeça bem-feita**. Rio de Janeiro: editora Bertrand Brasil, 2014.
- _____. **Ensinar a viver**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015.
- _____. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2005.
- PONTUSCHKA, N; PAGANELLI, T;CACETE, N. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Editora Cortez, 2007.
- SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1989.21ª. edição.
- SELBACH, S. (Org.). **Geografia e didática**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2010.



Poços de Caldas

Congresso Nacional de Educação

www.educacaopocos.com.br 1-2 JUN 2017

ZAGURY, T. O professor refém. Editora Record: Rio de Janeiro, 2006.